



A preparação de um número de um periódico acadêmico demanda muito tempo e exige de seus editores paciência, disponibilidade e conhecimento das exigências definidas pelas diferentes áreas de estudo para a organização de cada volume. As regras que orientam a feitura dos periódicos são cada vez mais rigorosas e objetivas no que diz respeito à vinculação dos autores a diversificadas instituições acadêmicas, à seleção de um corpo credenciado de pareceristas e à originalidade das matérias publicadas.

Este número de *Navegações*, o segundo do ano de 2017, que vem à luz, traz consigo essas características. Composto por treze ensaios que abordam diferentes temas, variadas perspectivas teóricas e um elenco de autores e obras que produziram em séculos passados ou são representativos de nossa contemporaneidade, dão conta também do gigantesco espaço brasileiro, locus onde estão atuando a maioria dos autores desses artigos. Assim, de Rondônia ao Rio Grande do Sul, passando pela Bahia, Distrito Federal, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, possibilitam outra leitura, qual seja, a dos interesses que movem pesquisadores distanciados geograficamente. Por outro lado, a geografia, quando se estende para além do Atlântico (se visto deste lado da América), privilegia autores localizados em Lisboa e talvez a motivação para isso encontre-se no trabalho de difusão da literatura brasileira realizado durante 40 anos pela professora Vania Pinheiro Chaves, que, na Universidade de Lisboa, ampliou as fronteiras da literatura produzida no Brasil, ministrando disciplinas, orientando trabalhos de investigações e difundindo o produto artístico brasileiro, em várias instâncias e espaços culturais. Com justa razão, a referida professora está sendo homenageada por seus colegas, em evento realizado na Universidade de Lisboa, sua casa de trabalho, sob o significativo título “Ensinar o Brasil a toda a gente”, nesse mês de dezembro de 2017.

À variedade espacial segue-se outra: a heterogeneidade dos temas apresentados nos ensaios e, que, neste número, apresenta ainda uma outra particularidade: dois dos trabalhos aqui divulgados, produzidos por docentes da PUCRS, resultam de investigações realizadas no âmbito da Universidade: o primeiro, coordenado por Ana Márcia Martins da Silva, da PUCRS, avalia o ensaio enquanto gênero textual entre os alunos do Ensino Médio e dos discentes dos cursos de graduação em Letras. O segundo estudo, de grande espectro, foi orientado pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, também da PUCRS, professor e escritor reconhecido no Brasil por sua obra literária e também por sua contribuição à formação de escritores. Desde 1985, Assis Brasil mantém nessa universidade brasileira uma fecunda Oficina de Criação Literária, cujos desdobramentos são muito representativos da vida literária contemporânea: a formação do escritor. Da Oficina por ele conduzida já passaram os autores de maior visibilidade no Brasil, hoje, e detentores de reconhecidos prêmios literários, entre os quais o Jabuti, o mais famoso no País. Com essa experiência e como resultado de um trabalho de investigação levado a cabo por um grupo de alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, apresenta o artigo aspectos mais relevantes da educação de autores que se formaram nos bancos da Academia. É preciso dizer que a Oficina deu origem a uma área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, para a qual acorrem escritores e pretendentes à carreira de várias partes do País e do Exterior.

Dos demais onze estudos, dois incidem sobre obras e autores do passado, como se observa no artigo de Ernani Mugge e de Daniel Conte, da Feevale, sobre o “Sermão de Santo Antônio aos peixes”, do Padre Antônio Vieira, proferido em 1654, com um tema que diz respeito às relações entre colonos e indígenas, no Brasil colonial e o de Moizeis Sobreira de Sousa, da Unicamp, que aborda a presença da tradição romanística portuguesa setecentista no romance brasileiro do século XIX.



A literatura brasileira e portuguesa contemporâneas constituem, porém, o foco maior dos ensaios aqui presentes. Lygia Fagundes Telles, em *As horas nuas*, é objeto de estudo de Fábio Augusto Steyer e Jeanine Geraldo Javarez, da UPG, que busca apontar o zoomorfismo como elemento constitutivo da narrativa. João Gilberto Noll, autor recentemente falecido em 2017 e marcante na apresentação do dilema existencial de suas personagens, tem sua obra *Solidão continental* abordada por Márcio Moreira Costa e Heloísa Helena Siqueira Correia, da Universidade Federal de Rondônia. Natural do Rio Grande do Sul, Noll marcou uma geração de estudantes e estudiosos pela busca existencial que orienta suas narrativas. Já Tania Regina Oliveira Ramos e Marina Siqueira Drey, da UFSC, analisam a personagem Cecília Coutts, do romance *Sergio Y. vai à América*, na qual questões de gênero e de identidade permeiam a análise. O tema do negrismo é trazido à discussão no ensaio de Luiz Henrique Silva de Oliveira, do CEFET/MG, tomando como corpus de abordagem poemas e romances inseridos no movimento do Modernismo brasileiro.

A variedade dos temas é também comprovada em dois outros estudos: um escrito por Márcia Rios da Silva, da UFBA, e outro de autoria de Luís Roberto de Sousa Júnior, da PUCRS, que investem no campo da história da literatura brasileira. No primeiro, a autora incide sobre três renomados intelectuais latino-americanos – Jorge Amado, Pablo Neruda e Nicolas Guillén – analisando questões de ordem recepcional acionados pelo engajamento político desses autores. Vinculados à esquerda, sua definição ideológica poderia potencializar a formação de seu público leitor. Em outra perspectiva, Sousa Júnior analisa o paradoxo da historiografia literária nacional, em sua formação, no século XIX, focando na distorção entre uma história que se volta para um passado inexistente, sem obras e sem autores nacionais.

Dois outros estudos abordam autores de língua portuguesa, mas não brasileiros: Márcio Matias Cantarin e Naira de Almeida Nascimento, ambos do UTFPR, tomam como tema o deslocamento e os a travessias de um escritor muito presente no Brasil, Mía Couto, para trazer esses elementos como chave de leitura do artigo. Antônio Lobo Antunes, também muito conhecido do público brasileiro, e sua obra *As naus*, merece estudo de Edvaldo A. Bergamo, da UnB, para destacar a presença da cultura lusa no romance, quando nele circulam Camões e Pessoa, bases da poética desse autor português.

Fechando a relação dos ensaios, este número traz um artigo de autoria de Violante F. Magalhães, da Escola Superior de Educação João de Deus, de Lisboa, focando a questão da literatura produzida por jovens e para jovens, em Portugal, através do *Cancioneiro Infantojuvenil para a Língua Portuguesa*, constituído por 17 volumes, e patrocinado pelo Instituto Piaget.

Na seção *Recensões*, abordam-se obras ficcionais de literatura brasileira e de literatura portuguesa, como *A ponta do silêncio*, de Valesca de Assis Brasil, merecedora de vários prêmios literários no Rio Grande do Sul, e *Cattus Fugit*, de Juva Batella. Destacam-se as edições de cinco peças teatrais de Machado de Assis, a obra de Fernando Cristóvão sobre a língua portuguesa, e a de Antonio Torres que retoma a epopeia amazônica de Frei Pedro de Santo Eliseu.

Este volume, já extenso, fecha com uma entrevista com Ana Maria Gonçalves, autora de um alentado romance intitulado *Defeito de cor*, realizada na PUCRS, em 2016, quando a autora esteve nessa Universidade para proferir a conferência de encerramento do Seminário Brasileiro de Crítica Literária e Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul.

O ano de 2017 encerra, portanto, com a circulação de mais um exemplar de *Navegações*. O fato não é meramente cronológico ou desprovido de sentido: em 2018, o periódico comemorará 10 anos de circulação, feito que somente se torna possível pelas sólidas parcerias estabelecidas entre editores, pesquisadores, autores, empenhados na divulgação da literatura e da cultura em língua portuguesa.

MARIA EUNICE MOREIRA  
VANIA PINHEIRO CHAVES  
Editoras